

ORGANIZADORES

ANTÔNIO CARLOS SANTIAGO FREITAS
ROSEANE ARCANJO PINHEIRO



JORNALISMO E COVID-19

OS RELATOS DE PROFISSIONAIS DE IMPERATRIZ-MA



Universidade Federal do Maranhão

Reitor *Prof. Dr. Natalino Salgado Filho*

Vice-Reitor *Prof. Dr. Marcos Fábio Belo Matos*



EDUFMA

Editora da UFMA

Diretor *Prof. Dr. Sanatiel de Jesus Pereira*

Conselho Editorial *Prof. Dr. Luís Henrique Serra*

Prof. Dr. Elídio Armando Exposto Guarçoni

Prof. Dr. André da Silva Freires

Prof. Dr. Jadir Machado Lessa

Prof^ª. Dra. Diana Rocha da Silva

Prof^ª. Dra. Gisélia Brito dos Santos

Prof. Dr. Marcus Túlio Borowski Lavarda

Prof. Dr. Marcos Nicolau Santos da Silva

Prof. Dr. Márcio James Soares Guimarães

Prof^ª. Dra. Rosane Cláudia Rodrigues

Prof. Dr. João Batista Garcia

Prof. Dr. Flávio Luiz de Castro Freitas

Bibliotecária Suênia Oliveira Mendes

Prof. Dr. José Ribamar Ferreira Junior



Associação Brasileira
das Editoras Universitárias

Associação Brasileira das Editoras Universitárias

ORGANIZADORES
ANTÔNIO CARLOS SANTIAGO FREITAS
ROSEANE ARCANJO PINHEIRO

JORNALISMO E COVID-19

OS RELATOS DE PROFISSIONAIS DE IMPERATRIZ-MA

SÃO LUÍS



EDUFMA

2021

Copyright © 2021 by EDUFMA

Diagramação e Projeto Gráfico Antônio Carlos Santiago Freitas
Revisão Roseane Arcanjo Pinheiro

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

J82

Jornalismo e Covid - 19: os relatos de profissionais de Imperatriz - MA /
Antônio Carlos Santiago Freitas, Roseane Arcanjo Pinheiro (Orgs.) - São Luís:
EDUFMA, 2021.

64 p. il.: color.

Modo de acesso: <<https://www.edufma.ufma.br/index.php/loja/>>
ISBN: 978-65-5363-086-4

1. Jornalismo. 2. Covid-19. 3. Pandemia. 4. Entrevista. 5. Imperatriz -
MA. I. Freitas, Antônio Carlos Santiago. II. Pinheiro, Roseane Arcanjo. III.
Título.

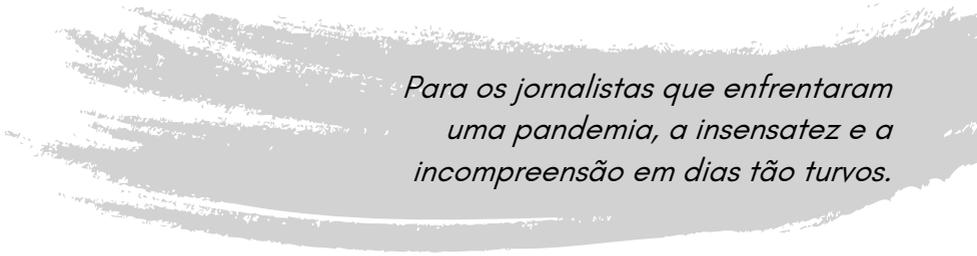
CDU: 070(047.53)(812.1)

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca CCSST/UFMA
Bibliotecária: Vivian Oliveira da Silva - CRB 13/743

E-Pub [2021]

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida, armazenada em um sistema de recuperação ou transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio, eletrônico, mecânico, fotocópia, microimagem, gravação ou outro, sem a devida referência dos autores e a origem da obra.

EDUFMA | Editora da UFMA
Av. dos Portugueses, 1966 - Vila Bacanga
CEP: 65080-805 | São Luís | MA | Brasil
Telefone: (98) 3272-8157
www.edufma.ufma.br | edufma@ufma.br



*Para os jornalistas que enfrentaram
uma pandemia, a insensatez e a
incompreensão em dias tão turvos.*

PREFÁCIO

Em março de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou ao mundo que estávamos diante de uma pandemia. O vírus Sars-Cov-2 alastrava-se e com ele sofrimento e mortes provocados pela Covid-19, a doença desenvolvida por parte dos contaminados.

Ninguém sabia ao certo o que estava se passando. A gravidade do problema era apontada pelas autoridades sanitárias mundiais e profissionais de saúde e não tardou para que os impactos da Covid-19 extrapolassem a área da saúde e passassem a determinar mudanças em toda a organização social, da economia às relações pessoais e familiares.

No mundo do trabalho, os impactos da pandemia vieram como avalanches e provocaram um cenário desolador, em especial, nos países que não tomaram medidas para proteger o trabalhador e a trabalhadora.

Seguramente este foi o caso do Brasil, país presidido por um presidente que, num primeiro momento, negou a gravidade da pandemia e, posteriormente, trabalhou pela disseminação do vírus e da doença, por meio da divulgação e da implementação de tratamentos ineficazes, boicote às medidas de distanciamento e isolamento social e sabotagem da vacinação.

Se na questão sanitária, o presidente brasileiro agiu como um genocida, nas questões econômicas, especialmente, na trabalhista, sua postura foi a de um

governante de ultradireita, a serviço do capital e da elite empresarial brasileira. Para os trabalhadores e as trabalhadoras, as medidas governamentais foram no sentido de atacar ainda mais os direitos, já vilipendiados pela contrarreforma trabalhista de 2017.

Como consequência, chegamos ao final de novembro de 2021 com cerca de 620 mil mortos pela doença e alcançamos o posto nada honroso de segundo país com maior número absoluto de mortes pela doença, atrás somente dos Estados Unidos.

Na economia chegamos a um cenário de devastação: desemprego; perda de renda, com achatamento da massa salarial, miséria e fome. Passados quase dois anos, a pandemia persiste e, no Brasil, provoca o aprofundamento da crise, com os consequentes efeitos negativos para a classe trabalhadora (sempre a classe trabalhadora paga o preço das crises).

Para os e as jornalistas, a pandemia escancarou a precarização das relações de trabalho, e foi pretexto para aprofundá-la. Pesquisa realizada pela Federação Nacional dos Jornalistas (FENAJ)¹ revelou que, já em 2020, mais de 4 mil profissionais tiveram impactos salariais com a pandemia.

A maioria (90%) teve redução de 25% no salário com uma suposta redução, na mesma proporção, da jornada diária de trabalho. Até julho de 2020, 110 empresas haviam promovido alterações contratuais. Além das reduções salariais (de 25%, 50% e 70%) houve 81 suspensões de contratos e 205 demissões.

¹ Disponível em: <https://fenaj.org.br/mp936-afeta-mais-de-4-mil-jornalistas/>. Acesso em 22 nov. 2021.

Do ponto das condições de trabalho, os e as jornalistas do mundo inteiro passaram a trabalhar mais pressionados e, no caso do Brasil, outro levantamento da FENAJ², realizado em junho de 2020, revelou o crescimento da pressão no trabalho. Do total de respondentes, 55% apontaram acúmulo de tarefas, ampliação da jornada e mais cobrança por resultados.

O aumento do estresse foi ainda mais evidente para as mulheres jornalistas. Em uma outra pesquisa da FENAJ³, realizada com recorte de gênero, 85% das jornalistas que são mães disseram sentirem-se sobrecarregadas.

Os levantamentos da FENAJ foram realizados em 2020, mas esse cenário de perdas salariais, sobrecarga de trabalho e estresse manteve-se neste ano de 2021, conforme foi comprovado pela pesquisa “Como trabalham os comunicadores no contexto de um ano da pandemia de Covid-19: ...1 ano e 500 mil mortes depois”, coordenada pela professora Roseli Figaro, do Centro de Pesquisa em Comunicação e Trabalho - ECA/USP⁴.

² Disponível em: <https://fenaj.org.br/covid-19-entre-jornalistas-cresce-pressao-no-trabalho-profissionais-tem-salario-reduzido/>. Acesso em 22 nov. 2021.

³ Disponível em: <https://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2020/08/PESQUISA-MULHERES-JORNALISTAS-NA-PANDEMIA-WEB.pdf>. Acesso em 22 nov. 2021.

⁴ Disponível em:

http://www2.eca.usp.br/comunicacaoetrabalho/publicacoes_cpct/como-trabalham-os-comunicadores-no-contexto-de-um-ano-da-pandemia-de-covid-19-1-ano-e-500-mil-mortes/. Acesso em 22 nov. 2021.

O estresse e o adoecimento emocional agravaram-se no ano de 2021 com o recrudescimento da Covid-19 na chamada “segunda onda”. Também agravou-se a contaminação da categoria, com grande crescimento do número de jornalistas contaminados e vítimas fatais da doença.

O dossiê “Jornalistas vítimas de Covid-19 no Brasil”⁵, produzido pela FENAJ, mostrou que, na média, o ano de 2020 registrou 8,5 mortes por mês e, de janeiro a julho de 2021, foram registradas 28,4 mortes por mês, quase uma morte por dia.

O alento foi o avanço da vacinação no país, que fez cair o número geral de brasileiros e brasileiras contaminados e também o número de mortes. Na categoria dos jornalistas, a partir de julho, houve uma queda significativa no número de mortes. Foram 17 casos apurados no mês, resultando numa média de uma vítima a cada dois dias.

Mesmo afetados direta e indiretamente pela pandemia, os jornalistas brasileiros continuaram o seu trabalho e cumpriram um relevante papel na divulgação de informações verdadeiras sobre a Covid-19, a assistência médica e hospitalar e a vacinação. Assim, contribuíram para que o país não fosse devastado pela pandemia e ajudaram a aliviar a dor vivida coletivamente.

É de grande relevância que o trabalho da categoria seja reconhecido e valorizado. Neste sentido, o e-book “Jornalismo e Covid-19: os relatos de profissionais de Imperatriz - MA” é uma importante contribuição para esse reconhecimento e essa valorização.

⁵ Disponível em: https://fenaj.org.br/wp-content/uploads/2021/04/DOSSIE-FENAJ-COVID19_MARCO_2021.pdf. Acesso em 22 nov. 2021.

São os e as jornalistas que falam de suas experiências, rotinas, angústias e dores. Temos, portanto, um registro histórico do que foi vivido pela categoria e de como cada um e cada uma passou por essa experiência, além de homenagens a profissionais que foram vencidos pela doença.

Temos um exercício de sensibilidade e solidariedade dos organizadores Antônio Carlos Santiago Freitas e Roseane Arcanjo Pinheiro e dos entrevistadores, com o apoio do Grupo de Pesquisa Jornalismo, Mídia e Memória.

E o que seria da humanidade se não fossem os homens e mulheres que agem pensando no outro?

Maria José Braga

Presidenta da Federação Nacional
dos Jornalistas – FENAJ.

APRESENTAÇÃO

Aqui reunimos vários depoimentos de jornalistas sobre a cobertura da imprensa de Imperatriz-MA durante a pandemia de Covid-19, que envolveu o mundo em dias tão desafiadores. A iniciativa surgiu durante o minicurso “A entrevista jornalística no período de pandemia”, realizado durante o Simpósio de Comunicação da Região Tocantina, em 2020, no mês de junho.

Esse registro é histórico porque servirá como subsídio para a compreensão do trabalho jornalístico, tão atacado e mal compreendido atualmente. Assim como a sociedade, o jornalismo passa por mudanças e, por isso, os rótulos como imparcialidade, neutralidade ou manipulação não cabem nessa tarefa complexa de traduzir o tempo atual para vários públicos, com profissionalismo e princípios desenhados em quase quatro séculos dessa prática sociocultural no planeta.

Em época de falsas informações que circulam, narramos aqui, sem esgotar o assunto, as experiências de dez jornalistas, em emissoras de TV e assessorias de comunicação, sobre as adequações e desafios para fazer entrevistas, apurar informações, percorrer a cidade e gravar em um momento de isolamento social, distanciamento e novos ritmos de trabalho.

A seleção dos profissionais ocorreu em função do acesso a eles e na possibilidade de fazerem seus relatos em áudios gravados e enviados pelo WhatsApp. Os contatos foram feitos entre julho e dezembro de 2020. Agradecemos aos profissionais, todos formados pelo Curso de Jornalismo

da UFMA Imperatriz, que compartilharam conosco as impressões sobre esse momento tão conturbado.

Não esquecemos dos jornalistas mortos pela Covid-19. A homenagem a Roberto Fernandes e Maycol Rangel, que fizemos nesta obra, é estendida a todos os jornalistas que foram vencidos pela doença⁶. Em junho de 2021, uma reportagem do Jornal Pequeno, de São Luís, informava que foram 15 mortes até aquela data.

Esse ebook tem o apoio do Grupo de Pesquisa Jornalismo, Mídia e Memória (JOIMP), da UFMA Imperatriz. Parte das entrevistas foi feita também por integrantes do JOIMP, que estará na terceira publicação em formato ebook. Nas anteriores foram reunidas pesquisas sobre o jornalismo e as mídias locais e regionais.

Convidamos todos para a leitura dos relatos, que sintetizam o esforço dos profissionais em falar da pandemia e, ao mesmo tempo, estarem exposto à doença e ao medo; à precarização das atividades, aos ataques nas ruas e o desafio de informarem sobre algo tão mortal, uma pandemia que já levou mais de 500 mil brasileiros.

⁶ Disponível em: <https://jornalpequeno.com.br/2021/06/13/sao-luis-ja-perdeu-15-profissionais-da-comunicacao-por-complicacoes-da-covid-19/>. Acesso em: 15 ago. 2021.

SUMÁRIO

PARTE I

HOMENAGENS.....	14
‘Os bons morrem jovens’: Até logo Maycon Rangel.....	15
Roberto Fernandes: além do ponto final.....	18

PARTE II

RELATOS.....	20
Antônio Filho.....	21
Diulia Sousa.....	24
Hemerson Pinto.....	28
Jackeline Teixeira dos Santos.....	32
João Rodrigues.....	35
Kalanny Costa Farias.....	38
Lianna Carolina Arraes Oliveira.....	42
Nícia de Oliveira Santos.....	45
Pollyana Galvão Costa.....	50
Sara Cristina da Silva Ribeiro.....	60

PARTE I



HOMENAGENS

‘Os bons morrem jovens’: Até logo Maycon Rangel



Foto: Arquivo Pessoal

Empatia, carisma e profissionalismo marcaram a trajetória de Maycon Rangel Abreu Ferreira, que se foi em uma terça-feira, dia 23 de maio de 2021, vítima de complicações em decorrência à Covid-19. Mais um colega jornalista que perdemos, deixando a todos, a sua volta, estarecidos de tristeza. Maycon deixa lindas e preciosas lembranças a todos que tiveram o privilégio de conhecê-lo e lutam por uma sociedade igualitária e mais justa.

São tempos tristes e sombrios, mas a cada luta vencida desejamos que Maycon sinta o seu legado representado por tudo que ele construiu em vida. ‘Esperamos que você esteja em um lugar melhor, e que tenha a certeza de que você tornou o mundo melhor enquanto esteve por aqui’.

Não há como falar de Maycon sem “ouvir” o pesar de seus amigos mais próximos. “Hoje faz um mês de uma despedida doída, e tudo o que eu queria

era te mandar outro meme sobre política no WhatsApp. E receber outro áudio teu injuriado com o fundo do poço em que nos enfiaram”, publicou Letícia Maciel em uma rede social.

A perda é dolorosa, e dói mais ainda quando sabemos que estamos perdendo pessoas para forças obscuras que ultrapassam as lógicas racionais, uma força política, irresponsável e negligente. Força essa, que Maycon lutou através da ciência e dos seus estudos para enfrentar.

Marcos Fábio, jornalista, professor, escritor e vice-reitor da UFMA também lembrou do brilhantismo do nosso querido amigo. “A covid levou mais uma pessoa do meu ciclo. Maycon era uma daquelas pessoas brilhantes, educado, estudioso e com um futuro promissor. Que Deus te receba, e conforte a sua família e amigos”, lamentou.

O Brasil é o país com o maior número de mortes de jornalista pelo novo coronavírus no mundo, quem confirma isso é o dossiê divulgado pela Fenaj (Federação Nacional dos Jornalistas), na véspera do Dia do Jornalista (7 de abril de 2021), e data em que o País ultrapassou pela primeira vez desde o início da pandemia a marca de 4.000 mortos em 24 horas por Covid-19. Maycon Rangel foi enterrado no dia 23 às 17h30, no Cemitério Jardim da Paz, localizado na Estrada de Ribamar, São Luís - MA.

Deixamos aqui uma interrogação de conforto: “O que é o luto, senão o amor que perdura?”. Até logo Maycon...

Memória Acadêmica

Maycon iniciou seus estudos em Jornalismo em (2008-2012) na UFMA (Universidade Federal do Maranhão), sempre engajado nas pautas sociais e nas transformações do

Jornalismo, o na época graduando defendeu seu TCC contribuindo com o tema “Os donos da mídia no Maranhão: o coronelismo eletrônico e seus reflexos na produção jornalística”.

O Jornalista também possuía Graduação em direito (2009-2014), também pela UFMA, onde contribuiu com o tema “Justiça de transição e democracia: a memória, a verdade e a justiça como mecanismos transicionais no Brasil”. Maycon ainda se especializou em Comunicação Pública (2014-2015) pela AVM Educação onde pesquisou sobre “A TV pública no Brasil: análise do modelo normativo do Canal da Educação”.

Por fim, Maycon ingressou no Mestrado profissional em Educação Profissional e Tecnológica do (IFMA) Instituto Federal do Maranhão propondo-se a estudar a “Educação em Direitos Humanos na formação discente: proposta educacional para o Ensino Médio Integrado”.

Maycon Rangel encerrou sua trajetória, em vida, como servidor público Maycon Rangel na Assessoria de Comunicação / Reitoria / IFMA. O jornalismo, o direito e a ciência, com mais esse silenciamento, despedem-se de Maycon Rangel que desenvolvia pesquisas nas áreas de Comunicação e Direito, com ênfase em Comunicação Pública, Jornalismo Político, Direitos humanos, Educação em Direitos Humanos, Justiça transição e Direito à memória e à verdade.

AUTORIA DA HOMENAGEM

Welbert Queiroz

Jornalista e mestrando do PPGCom da UFMA Imperatriz.

Roberto Fernandes: além do ponto final



Foto: Arquivo Pessoal

A partir do dia 21 de abril de 2020, a cobertura sobre a política maranhense ficou sem um rosto e uma voz. O jornalista Roberto Fernandes, 61 anos, morreu em virtude de complicações da Covid-19, a pandemia que começou a assolar o mundo em 2019. O jornalista ficou internado por quase 30 dias, mas não resistiu.

Depois trabalhou no rádio e na TV. Realizou atividades jornalísticas na Rádio São Luís AM, TV Brasil e Rádio Educadora AM. Se destacou na cobertura esportiva e

chegou a ser repórter e comentarista esportivo. Chegou a ser presidente do Moto Clube, um dos times do coração.

Há duas décadas estava à frente do programa Ponto Final, na Rádio Mirante AM. Também apresentava o quadro de política no telejornal Bom Dia Mirante, da TV Mirante, afiliada da TV Globo no Maranhão.

Nasceu no dia 21 de outubro de 1958 na cidade pernambucana de Vitória de Santo Antão. O profissional era casado com Sueline Moraes Fernandes, com quem teve dois filhos, Roberto Fernandes Júnior e Vinicius de Moraes Fernandes.

Após esse breve resumo, fazemos uma homenagem ao jornalista Roberto Fernandes: muito obrigada pela dedicação ao jornalismo maranhense. No seu caso não há ponto final, o ponto continua. Se mantém com seu exemplo para colegas e público. Nossos aplausos.

AUTORIA DA HOMENAGEM

Roseane Arcanjo Pinheiro

Professora adjunta do Curso de Jornalismo e do PPGCom da UFMA Imperatriz.

PARTE II



RELATOS

Antônio Filho

Diretor de Jornalismo da TV Mirante



Foto: Arquivo Pessoal

Mudança de rotinas

Nós começamos a estabelecer os protocolos de saúde ainda na segunda quinzena de março de 2020 aqui na emissora. Fechamos para o atendimento externo, para evitar aglomeração, e, na parte interna, nós dispensamos os funcionários com alguma comorbidade e aqueles funcionários que não se exigia a presença deles, de forma mais rotineira aqui, como o departamento comercial, começaram a trabalhar em Home Office. Ficamos, praticamente, com 40% da nossa força funcional e isso numa escala, evitando profundamente aglomeração. Os departamentos que, essencialmente, ficaram, foram: os departamentos de jornalismo, de exibição e de operação. Com isso, a gente respeita o protocolo inicial, já a partir da segunda quinzena de março.

Em relação ao departamento de jornalismo, também na segunda quinzena de março, nós começamos a respeitar o distanciamento. Nós fazíamos as

entrevistas com uma distância de no mínimo dois metros, com o convidado tendo seu microfone e o repórter tendo o seu, uma novidade já no nosso trabalho.

À medida que os casos foram aumentando e os decretos municipal e estadual definiam outras ações, nós também nos adaptamos. Foi o momento em que, além do distanciamento para as entrevistas, nós também passamos a usar máscaras. Foram dois itens importantes nesse processo de prevenção do coronavírus para as nossas equipes: o distanciamento que nós já fazemos desde a segunda quinzena de março e o uso de máscaras, a partir dos decretos que tornaram esse item obrigatório. Dessa forma, nós conseguimos manter, minimamente, a rotina de departamento, a partir das primeiras horas da manhã, para nossa reunião de pauta para liberação das equipes, naturalmente, respeitando o distanciamento e o isolamento. Mas mantendo, principalmente, a nossa convicção e a nossa missão de informar a população, como sempre fizemos nesses mais de 30 anos e, principalmente, nesse momento mais difícil.

Produção de Conteúdo

Tivemos momentos tensos, difíceis, mas nunca desistimos, pela informação, pelo direito e pela missão de informar a população. O isolamento e o distanciamento mudaram um pouco a nossa forma de produzir e receber conteúdo, e a grande novidade nisso – que não é novidade para ninguém – são os vídeos que nós começamos a receber de forma mais intensa e as entrevistas que passaram a ser feitas também, como uma alternativa, por Skype. Aquela nossa rotina de nós produzirmos nossos conteúdos pelas

lentes dos nossos cinegrafistas continuou, mas de forma menor, principalmente, por conta do isolamento e do distanciamento.

Então, é isso. De forma resumida, a gente tentou explicar essa mudança na nossa rotina de trabalho, em que tivemos que nos adaptar também, como todo mundo e todas as empresas e todas as pessoas, tivemos que nos adaptar para manter essa nossa missão de informar a população.

AUTORIA DA ENTREVISTA

Roseane Arcanjo Pinheiro

Professora adjunta do Curso de Jornalismo e do PPGCom da UFMA Imperatriz.

Diulia Sousa

Repórter da TV Globo

Tudo ficou mais corrido

Foto: Arquivo Pessoal

Na minha rotina de repórter mudou muita coisa. Nós tivemos a nossa produção completamente alterada. Íríamos receber dois estagiários. Nossos jornais ficaram maiores e a gente tinha menos pessoas trabalhando, porque há alguns colegas que foram adoecendo e com o passar do tempo a nossa equipe de cinegrafistas acabou sendo reduzida, por conta de que algumas pessoas fazem parte do grupo de risco, o pessoal mais antigo. A gente, com o tempo, teve a nossa carga horária reduzida em 25%.

A empresa seguiu aquela MP (medida provisória) do Presidente da República, que poderia diminuir a nossa carga horária e, conseqüentemente, nossos salários. Porém, a



gente tinha as mesmas obrigações e as mesmas funções, por conta de ter que preencher esse “feide” maior.

Então, acabou tudo ficando mais corrido. Precisei mudar de horário de trabalho porque com o tempo a gente não conseguia mais fazer o GE (Globo Esporte). Eu fazia as matérias do GE. Mudou bastante o foco das nossas matérias. Antes, mostrávamos a preparação dos clubes e dos atletas. E com o tempo passamos a mostrar muito de como eles (clubes e atletas) estavam se virando na pandemia. E aí, a gente começou a ficar praticamente sem pautas, sem opções e, basicamente, acabou nossas notícias de esporte.

Tive que mudar de horário. Então, ficou muito e muito corrido, ficou todo mundo atarefado. Eu estava em muitas situações me produzindo para não sobrecarregar os meus chefes, que também tinham essa função de preencher os nossos jornais. Ficou bastante corrido para a gente. Ficou bem complicado. A nossa relação com o público ficou bem difícil, porque as pessoas não ficaram muito felizes com a imprensa neste momento.

Além do nosso medo com o vírus, passamos a tomar vários cuidados dentro da empresa: como o uso do álcool em gel e as máscaras. Hoje a gente não sabe mais o que é trabalhar sem máscaras. Usamos vários recursos para não nos aproximar dos nossos entrevistados e isso também foi outra coisa que mudou bastante na nossa rotina. E, nas ruas, passamos a sofrer ataques, de algumas pessoas, bolsonaristas, e de quem achavam que estávamos prestando desserviço (*para a população*). Temos bastante consciência de que fizemos um papel superimportante nessa pandemia, mesmo com todas as dificuldades, mesmo com todas essas mudanças e não nos colocando em situação de risco e

sacrificando a qualidade do nosso trabalho, mas a gente acredita que conseguiu fazer sim as coisas da melhor maneira possível. Estamos ainda nesta batalha!

Complementando a primeira resposta, na questão dos ataques a imprensa, isso também alterou, de certa forma, a nossa a nossa rotina, porque passamos a deixar ir a certos lugares por causa dessas represálias e desses ataques que nossas equipes sofriam nas ruas e isso também acabou alterando um pouco a nossa rotina.

Resistências e ataques

Com relação ao acesso às nossas fontes, ficou complicado por causa das medidas de segurança que a própria empresa adotou logo no início da pandemia. Nós passamos a fazer muitas entrevistas por vídeos, por celulares. A gente está usando bastante a tecnologia a nosso favor e acompanhando também algo que vem sendo desenvolvido na própria Globo. A Globo se comunicava quase que diariamente com as afiliadas mandando sempre as orientações para que a gente não se colocasse em situação de risco, para que pudéssemos fazer essa cobertura sem colocar as nossas equipes em uma situação perigosa.

Uma das nossas dificuldades foi encontrar essas fontes e convencê-las a mandar vídeos. Muita gente tinha uma certa dificuldade, preferiam gravar mesmo com a nossa equipe direta. A gente tinha que convencer dizer que não e que era uma questão de segurança. A gente teve uma certa resistência das nossas fontes para gravar esses vídeos e as fontes que a gente teve acesso presencial tivemos que gravar de uma forma diferente, mais distante e com o uso de outros recursos como: microfone a mais ou com pedestal.

Nós utilizamos várias técnicas para fazer as reportagens, as matérias e as entrevistas, de maneira segura.

E é isso, acho que com relação às fontes a nossa relação acabou ficando basicamente a mesma, porém a nossa maior dificuldade foi de ter acesso a elas, e convencê-las dessa nossa nova forma de trabalhar. Alguns tiveram resistência, mas a maioria não. Boa parte colabora com a gente. Muita gente está fazendo home office. Essa também foi uma dificuldade nossa, principalmente com as fontes oficiais. Tivemos uma certa dificuldade por causa dessas fontes aí que estavam afastadas do trabalho e a gente precisava dessa colaboração, mas muitas acabaram colaborando com a gente, mesmo de casa. Mandavam um vídeo e a gente conseguiu aí vencer essa barreira e continuamos fazendo as nossas matérias normalmente, seguindo o padrão da Globo.

Locais onde tinham grande concentração de pessoas nós não íamos. No centro comercial, onde a gente recebia muito ataque, a gente só fazia imagem de longe, e isso também acabou alterando a nossa forma de trabalhar. Além dos nossos cuidados com o vírus, a gente também tinha os cuidados com as pessoas. A gente tinha medo desses ataques, porque teve situações de pessoas virem mesmo para cima da gente, e até de seguirem a nossa equipe até à emissora, prometendo que eles iriam fazer alguma coisa de ruim conosco.

AUTORIA DA ENTREVISTA

Wanderson Sousa

Estudante do Curso de Jornalismo da UFMA Imperatriz.

Hemerson Pinto

Repórter da TV Difusora



Foto: Arquivo Pessoal

Sair o mínimo possível

Uma das principais mudanças foi justamente na maneira de se preparar as reportagens, não é? A gente acabou, durante muito tempo, lá no início da pandemia, não vou saber te dizer exatamente quantos dias ou meses a gente levou assim, mas, logo no início ali, quando a coisa começou realmente a se agravar, a gente passou a fazer as nossas reportagens saindo o mínimo possível de dentro da nossa redação, fazendo o máximo que a gente pode fazer utilizando a nossa redação, utilizando o material enviado por

meio das nossas redes, principalmente por meio do WhatsApp, o WhatsApp da nossa produção.

Como funcionava: nossa produção fazia o contato com as fontes, até para fonte era uma questão de segurança não estar recebendo a equipe naquele instante, então isso acabava sendo acordado com a própria fonte. “Olha, a gente precisa de uma fala sua sobre este assunto que a gente vai abordar, você pode enviar um vídeo pra gente?”, aí um dos desafios era explicar para essa fonte como ser feito esse vídeo, né. A gente orientava, a produção orientava, “olha, manda um vídeo pra gente, grava com o celular na posição horizontal”, às vezes a gente chegava a explicar “grava com o celular na posição deitado”, assim, deixar bem explicadinho para fonte, “esse vídeo você envia pra gente acrescentar aqui na reportagem que a gente tá produzindo sobre o assunto”.

Então, assim era feito, uma matéria, uma reportagem, que envolvida duas ou três fontes, por exemplo, era feito o contato com essas fontes, dava um prazo para eles enviarem esse material em vídeo e aí a gente recebia esse material e já era disponibilizado na pasta relacionada aquela matéria. Então, para o repórter chegava ali a pauta com o assunto, as informações do assunto e já a informação de que naquela pasta, com aquela retransmissão ali, tinha os vídeos daquelas fontes. O que o repórter fazia? Na redação mesmo, cabe ao repórter ouvir o que as fontes estavam dizendo ali com aqueles vídeos e construir seu texto em cima daquelas falas e das outras informações que a gente tinha. E, a passagem, dependendo do que fosse o assunto, poderia ser feita mesmo dentro aqui mesmo da TV, em um cantinho que a gente reservava, na frente de um computador, ou, talvez, em

alguns casos, não tinha essa possibilidade, a gente precisava mesmo de um ambiente externo, então, a gente saía.

Então, a equipe saiu muitas vezes durante esse período apenas para fazer uma passagem, que às vezes era feita em locais próximos, não muitos distantes aqui da empresa, para gente não tá circulando muito e nessas saídas todo mundo já com uso de máscara, o álcool gel dentro do carro. Enfim, as orientações quando a gente retornava, tinha uma pia instalada na frente da empresa, então ali já higienizava as mãos novamente, já entrava no ambiente e assim a gente foi trabalhando essas mudanças que foram acontecendo logo lá no início do período da pandemia.

E das vezes que precisamos sair, utilizamos também muito o stand-up (*gravação cem que apenas o repórter aparece e faz o resumo de uma notícia*), não é? Stand-up já saía com todas as informações, então íamos até determinado local, para ali naquele local gravar um stand-up. Então, ali tinha o condutor, que é o auxiliar técnico, tinha lá o repórter e tinha lá o cinegrafista. Então, a gente ia até o local e fazia esse stand-up. Para chamar as sonoras das pessoas que a gente já tinha garantido antes com pedidos, com os vídeos enviados, os pedidos feitos para que essas pessoas, as fontes, enviassem esses vídeos, então a gente fazia o stand-up ali e a chamava essas sonoras dentro do stand-up, ou, então, o stand-up mesmo com o próprio entrevistado, ou seja, uma entrevista ali com aquela pessoa.

Digamos, a Secretária Regional de Saúde que a gente ouviu várias vezes naquele começo da pandemia, então foram feitas várias entrevistas com ela. A gente se deslocava até a sede da regional, a gente procurava ficar ali no pátio, um ambiente bem extenso, bem espaçoso, e utilizava dois

microfones. Ali a gente parou, o que é muito comum, o que é o normal, na verdade, que é ali o repórter está aqui com o microfone, começa aqui a abertura da entrevista, e vira aqui para fonte, e começa a gravar com a fonte.

Então, a gente deixou de utilizar esse formato. Como era feito: utilizávamos dois microfones e o repórter ficava a uma distância aí de dois metros, obedecendo a questão, a recomendação do distanciamento, então, por muitas vezes a gente fez entrevistas com pessoas assim. Quando era necessário sair da redação para realmente ir para externa, correr esse risco lá na externa, a gente ia para entrevistar a pessoa assim, com dois microfones, a câmera posicionada ali, o repórter ficava aqui, quando precisava enquadrar as duas pessoas ao mesmo tempo, então, ficava o repórter a uma distância de dois metros da fonte, a fonte com o microfone dela. O microfone da fonte era higienizado com álcool gel na frente da própria fonte, então, ali a gente entregava para ela, antes de entregar, o auxiliar técnico já estava ali com o álcool na mão, enquanto a gente conversava, pegava algumas informações, ele já higienizava, a fonte olhando ali.

Então, das mãos dele ali, higienizado, saia para as mãos da fonte, a fonte fazia a participação dela com a gente, quando terminava, o próprio repórter ou ele mesmo recolhia o microfone, higienizava novamente e guardava, e todos nós higienizávamos as mãos ali, entrávamos no carro e retornávamos para a redação.

AUTORIA DA ENTREVISTA

Gessiel Nascimento

Jornalista e mestranda no PPGCom da UFMA Imperatriz

Jackeline Teixeira dos Santos

Repórter da TV Difusora Sul

Está tudo diferente



Foto: Arquivo Pessoal

Nesta pandemia, minha rotina em relação à produção das reportagens ficou diferente porque a gente ainda está tendo que se adaptar a esse 'novo normal'. O jeito de escrever o texto está diferente, porque tudo é uma nova linguagem, a gente tem que se adequar até para não ficar repetitivo porque está tudo envolto da pandemia, da quarente e do isolamento social. E aí, está tudo muito diferente porque tem a questão das limitações a espaços a determinados estabelecimentos, tem ainda as restrições, a questão das pessoas e nossa abordagem com elas nas ruas, porque ainda assim a gente tem que seguir os protocolos de segurança em meio as nossas fontes. Tanto para segurança delas quanto para a

nossa, porque de acordo com dados e a própria lógica [do vírus] isso não vai passar por agora.

Então, os cuidados ainda devem ser tomados, por mais, também, que a maioria dos serviços já esteja flexibilizado, mas ainda sim tem que ter aquela cautela, aquela precaução toda. Na rotina, em relação à questão estrutural no local de trabalho, praticamente a mesma coisa [de prevenção]: questão da máscara, do álcool. Têm alguns dias que é mais tranquilo que outros.

Não tem possibilidade de perguntar

Já está tendo uma maior possibilidade de a gente entrevistar as fontes pessoalmente. Mas, assim quando foi decretada, de fato, a pandemia, nós não estávamos [realizando entrevistas pessoalmente] até hoje. No jornal, por exemplo, não estamos levando entrevistados para o estúdio e nós ainda trabalhamos com o entrevistado/a fonte mandando um vídeo falando sobre o assunto. O acesso, por mais que de uma forma facilite, porque a pessoa pode mandar da casa dela ou local de trabalho, aí grava rapidinho no celular e já envia. Não dá para negar que sim, é uma forma que viabiliza melhor.

Mas, ao mesmo tempo, é um desafio porque a partir do momento que você não tem o contato com a fonte para entrevistá-la, para conversar com ela sobre o assunto e entender melhor o assunto, de certa forma, impacta no produto, na reportagem, porque você acaba ficando limitado à informação [somente aquela enviado pela fonte]. A partir do momento que a fonte manda o vídeo sobre o assunto, explicando o objetivo ou como pode fazer [sobre o tema tratado], o repórter fica limitado porque ele não tem a

possibilidade de perguntar, de investigar, de entrevistar de fato.

É um desafio, porque a gente fica 'encanado', de ter gente que pode estar infectado ou não, que nós podemos estar infectando outras pessoas. Então, assim, os maiores desafios são esses. A internet ajuda muito e tem ajudado demais, mas ainda assim tem esses impactos que acabam gerando esses e outros desafios. Com todos eles, a gente precisa fazer, tem que entregar material pronto. Nós entregamos, mas estamos passando por tudo isso.

AUTORIA DA ENTREVISTA

Davi Jaivona Vittorazzi

Estudante do Curso de Comunicação Social - Jornalismo da UFMT,
em Cuiabá (MT)

João Rodrigues

Jornalista da Assessoria de Comunicação
da Prefeitura de Imperatriz



Foto: Arquivo Pessoal

Foi difícil como profissional

A pandemia do novo coronavírus mudou radicalmente a vida de todos nós, e na área de assessoria de comunicação de Prefeitura de Imperatriz, onde trabalho não foi diferente. Devido as medidas de restrição todos os profissionais de comunicação passaram a trabalhar em home office no período compreendido entre os dias 15 de abril e 8 de junho *(de 2020)*. No entanto, nos foi cobrado apenas um relatório de atividades relativo ao período de 20 de março a 15 de abril *(de 2020)*.

Com o passar dos dias, as medidas de flexibilização foram sendo adotadas pelo Governo do Estado e Prefeitura e de forma gradual começamos a cumprir pautas externas emergentes até chegar o momento de voltar para a redação. Uma das pautas que fiz em meio a pandemia foi a do encerramento das atividades do Centro Ambulatorial Covid-19, um grande ambulatório montado no Centro de Convenções, resultado do esforço de empresas, clínicas, hospitais, profissionais de saúde e estudantes de cursos da área de saúde que atuaram de forma voluntária. Estado e Município apoiaram a iniciativa com remédios, apoio logístico e exames.

Particularmente, foi difícil como profissional permanecer em casa, ao mesmo tempo que foi um alívio, por isso representar proteção para a minha família, principalmente porque tenho uma filha hoje com quatro anos.

Sem acompanhar os acontecimentos

De forma específica, no âmbito profissional, foi complicado. Em tempos normais o repórter que fica na redação da Ascom ou diretamente na secretaria em que está o seu assessorado tem oportunidade de acompanhar os acontecimentos, diferentemente de quando está em casa que passa a depender de uma mensagem de WhatsApp ou ligação da chefia ou do próprio assessorado. Essa segunda situação é mais rara, geralmente é o repórter que liga para o assessorado, o que nem sempre é garantia de sucesso, pois esse secretário costuma demorar muito ou não dá uma resposta ao profissional.

Gostaria de deixar uma explicação para melhor ilustrar minhas situações: o sistema de trabalho na Ascom é formado por jornalistas que vão regularmente nas secretarias, mas ficam fixos na redação da Ascom e aqueles que em razão da secretaria ter grande demanda passam a dar expediente na própria pasta. Na época do início da pandemia eu era assessor do gabinete do secretário de saúde, Alair Firmiano, mas coincidiu com o afastamento dele para se candidatar a vereador e assumiu a então adjunta Mariana Jales, que pediu para trocar de repórter e então fui para o Departamento de Atenção Básica em Saúde e obrigatoriamente passei a dar expediente na redação da Ascom.

Acesso às fontes jornalísticas

O maior desafio foi mesmo o acesso as fontes. Como havia adiantado, alguns secretários continuaram despachando, principalmente da Secretária de Saúde e coordenadores de departamentos estratégicos. A dificuldade era obter uma resposta de um secretário, seja para coletar dados para produção de reportagem ou simplesmente para marcar uma entrevista solicitada pelos veículos de comunicação ou informações para a produção de uma nota de esclarecimento. Nesse período, a maioria das notas de esclarecimento foram elaboradas pelo adjunto de comunicação Josué Moura ou pelo assessor de comunicação Sérgio Macedo que tem status de secretário. Nesse período o WhatsApp foi muito importante e eu diria até que 95% de nossos contatos foram por meio deste aplicativo.

Rodrigo Reis

Jornalista, Mestre em Jornalismo (UEPG) e doutorando em Comunicação pela Universidade Federal Fluminense (UFF).

Thays Assunção

Jornalista, Mestre em Jornalismo (UEPG), doutoranda em Comunicação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e professora de Jornalismo da Universidade Federal do Tocantins (UFT).

Kalanny Costa Farias

Coordenadora de assessoria de imprensa do Grupo Canal

Novas pautas e estratégias

Assim que começou a se intensificar mais a questão da pandemia, aqui na cidade, a gente passou a trabalhar no home office, né? Até então a nossa equipe trabalhava na agência normalmente. A gente fazia os atendimentos aos clientes, às vezes, tínhamos pautas presenciais nas empresas que nós atendemos e aí todo esse processo natural, que é o clássico da assessoria, precisou ser adaptado, então a gente passou a trabalhar no home office, as nossas reuniões de alinhamento passaram a ser online, a própria questão de trabalhar pautas junto aos nossos clientes, também mudou.

Já temos um planejamento do mês, que normalmente são ações que esses clientes desenvolvem, algumas atividades que foram suspensas pela questão do isolamento. A questão de trabalhar pautas também mudou,



Foto: Arquivo Pessoal

tivemos que repensar novas estratégias, novos assuntos, então a gente teve bastante mudanças mesmo. Nós passamos três meses e meio nesse processo de home office, sem a equipe se encontrar e sem encontrar os clientes, fazendo tudo de forma remota mesmo. Durante esse processo, a gente abriu vagas para a assessoria de imprensa, e as entrevistas também foram todas online. A gente teve que adaptar o nosso modelo e a nossa rotina de trabalho para o home office e para as atividades online.

Adaptar tudo

Quanto à cobertura e acesso às fontes, as nossas coberturas foram suspensas. A gente passou, como eu falei a não ter mais atividades presenciais e nenhum tipo de cobertura, acompanhamento de entrevistas, nada disso. Tudo isso foi adaptado para o cenário. Por exemplo, as entrevistas que normalmente as nossas fontes cediam na emissora, passaram a ser por meio de vídeo, então a gente precisava orientar a fonte: de como ela devia gravar o vídeo, por quanto tempo e o que abordar, porque a gente não estava mais tendo esse contato pessoalmente, de ir com a fonte até a emissora ou a emissora ir até a empresa para fazer alguma gravação, então a gente passou a fazer essas orientações.

As nossas pautas e as coberturas de ações e atividades, também foram suspensas, porque não estavam tendo atividades. Mudou o processo da gente conversar com as redações, antes era “a gente vai gravar tal hora” agora é “até que horas gente pode enviar o vídeo?”, então foram algumas mudanças mesmo que a gente teve que se adaptar, para continuar conseguindo emplacar os nossos clientes,

para continuar levando para as redações o nosso conteúdo, mas dessa vez, de forma remota.

Nesse sentido, o nosso maior desafio foi, eu acho, que questão do tempo mesmo. Foi readaptar tudo isso, em um curto período, porque ninguém estava esperando. Do nada, tudo que havia sido programado precisou ser remodelado, e não é fácil fazer toda essa mudança na comunicação, de forma remota, não dava nem para se encontrar com a equipe, nem nada, então conseguir adaptar tudo isso, no curto período: mudar todas as nossas estratégias de comunicação, pensar em novas pautas, poder orientar o cliente, a nossa fonte, de como que seria a partir de então, foram os nossos principais desafios.

AUTORIA DA ENTREVISTA

Patrícia Araújo

Graduada em Jornalismo pela Universidade Federal do Maranhão.

Lianna Carolina Arraes Oliveira

Analista de Comunicação na Suzano



Foto: Arquivo Pessoal

Desafios do trabalho home office

O que mudou na minha rotina, enquanto pessoa que trabalha com comunicação? Primeiro, eu trabalhava dentro do escritório e hoje eu trabalho em home office o tempo todo. Então, a principal mudança que senti foi a questão do horário. No começo foi um pouco difícil para eu me organizar, para comer no horário, para começar encerrar o expediente. Na fábrica, você vê as pessoas parando para

comer, todo mundo chegando, todo mundo indo embora, então, querendo ou não, isso te ajuda muito. Em casa, você precisa se policiar. Essa questão do horário do expediente foi um pouco complicada na minha rotina no início da pandemia. Hoje, já consegui normalizar tudo, já consigo parar todos os meus horários corretamente e consigo cumprir cada um.

A comunicação precisou mudar muito a sua forma de trabalhar. Somos de uma área que, querendo ou não, tem muitas interfaces com outras áreas dentro da empresa e a comunicação é sempre bem alto astral, uma área que está sempre muito junta das outras, sempre fazendo um corpo a corpo. Então, hoje, isso tudo está muito no on-line. A gente precisou se adaptar dessa forma. Quando a gente fala de coberturas, nós temos alguns desafios: antes eu podia sair do meu local de trabalho e acompanhar um colaborador da Suzano, por exemplo, que iria gravar uma entrevista numa rádio; hoje, por conta mesmo de uma questão de preservação da saúde e distanciamento social, orientamos as fontes a gravar um vídeo no celular, por exemplo, para a gente conseguir emplacar ele em alguma emissora. A gente vai orientando, ensinando como usar o celular, que é uma ferramenta muito poderosa e que a pouco exploramos. Tivemos que aprender a trabalhar o material que temos que é o celular e outras ferramentas ao nosso favor, para conseguirmos entregar um trabalho de excelência.

Outro desafio muito grande, eu acredito, foi conseguir contar a história no momento em que ela acontece. Com a pandemia, não era permitido, pelo menos no começo, essa mobilidade de você ir até o fato. Então, tivemos que usar contatos, tivemos que usar a tecnologia a nosso favor para

poder acompanhar alguém na reportagem, para poder entregar uma pauta. Esse foi o momento em que a tecnologia auxiliou muito nossa cobertura e a nossa produção de material. Outro ponto que foi um aprendizado e uma mudança dentro da comunicação, nesse cenário de pandemia, foi o desafio de aprender a trabalhar o material que você já tem, porque, querendo ou não, a pandemia nos limitou na produção de materiais novos. Então, a gente precisou parar e pensar: o que é que a gente tem que conseguimos reaproveitar nesse momento? Que pauta, que assunto é esse, tanto para trabalhar internamente como também externamente, junto com nossa assessoria? Eu acho que esse foi um grande desafio e um grande aprendizado também, que nós como comunicadores conseguimos aproveitar nesse momento de pandemia, que tanto nos ensinou.

AUTORIA DA ENTREVISTA

Gabriel Araújo

Estudante do Curso de Jornalismo da UFMA Imperatriz.

Nícia de Oliveira Santos

Chefe da Assessoria de Comunicação da UEMASUL

Maior demanda de trabalho



Foto: Arquivo Pessoal

A rotina sofreu bastante alteração, no meu caso eu respondo como assessora. Eu sou assessora de uma universidade pública, eu coordeno a equipe. Sou chefe da assessoria e a gente sofreu grandes mudanças. A priori, por conta do isolamento e depois do distanciamento social, a gente começou a trabalhar muito mais de forma remota e isso implicou na mudança também do horário, na verdade, uma ampliação quase que *fulltime*, quase que 24 horas do nosso horário de trabalho. Porque o assessor tem que ter o horário de trabalho, mas basicamente fica ligado com o que está acontecendo, possíveis repercussões, mas nesse período de pandemia em que a gente estava isolado, eu percebi uma

alteração intensa na questão do fluxo de trabalho. Antes a gente ia para o ambiente de trabalho, tinha aquele horário determinado e, alguma vez, ocorria de ter uma demanda fora daquele horário. Às vezes uma demanda urgente ou algo que já era agendado, um evento ou alguma coisa que a gente precisava cobrir ou participar.

Mas nesse período (*de pandemia*) meio que as pessoas perderam a noção de horário de trabalho, então assim, às vezes eu já acordava com alguma demanda de trabalho no meu celular. Intensificou essa questão do uso do WhatsApp e também fora do horário, 10 horas da noite eu recebia mensagens relacionadas ao trabalho. Com relação a essa questão de horário e a utilização do WhatsApp/ e do telefone pessoal, por mais que eu tenha o (telefone) institucional, ainda assim utilizo bastante o meu pessoal para trabalho. A gente acaba percebendo uma espécie de precarização do trabalho do jornalista, no meu caso é do assessor, que é o que estou vivendo nesse momento, como eu estou nesse momento como assessora.

Há questão também do prazo, na instituição que eu trabalho, a gente tem uma normatização com relação aos prazos de atendimento, por exemplo, chega uma demanda de confecção de card para o Instagram, a gente tem um prazo para atender. Com a pandemia as demandas começaram a serem muito urgentes e os prazos não cumpridos. Se antes, às vezes, a gente tinha até 5 dias para confeccionar um determinado material, as pessoas tinham que enviar a proposta e a gente tinha que atender em até 5 dias e isso começou a não valer mais, as pessoas queriam pra ontem. 'A! Eu preciso disso de forma urgente' e todas as demandas eram urgentes. Isso sobrecarregou muito a

assessoria, os profissionais que trabalham na assessoria começaram a se sentir esgotados, sobrecarregados por conta desse fluxo que acabou aumentando e dos prazos e horários não respeitados.

Às vezes, tinha feriado, mas a gente basicamente não 'feriava'. Continuava trabalhando praticamente no mesmo ritmo e cito até que a gente teve um aumento de demanda, aproximadamente, acho que umas 3 vezes mais. Principalmente no início, foi um fluxo muito intenso. Hoje não, hoje está diferente do início da pandemia, em março.

Como a minha instituição já está em outra fase desse distanciamento, quem não é do grupo de risco voltou de forma mista, fazendo 4 horas presenciais e 4 horas de forma remota/ em escala. Por exemplo, eu vou nos dias pares pela manhã e a minha outra colega que não é do grupo de risco vai em dias ímpares pela tarde. Então, a gente acaba não se encontrando no mesmo ambiente de trabalho. Agora com esse retorno presencial/ escalonado, o fluxo de demandas diminuiu um pouco e nós estamos começando a ter os limites de horário (novamente), mas ainda em um ritmo forte de trabalho.

Os eventos começaram a acontecer de forma virtual e isso para a gente foi uma novidade, porque todos os eventos eram (passaram a ser) virtuais. Como eu trabalho em Universidade eram muitos seminários, que se denomina como webinar, lives; colação de grau online e isso tudo a gente teve que se adaptar e estudar a melhor forma de planejar para que acontecesse com a mesma validade, digamos assim, com a mesma credibilidade e com a mesma emoção de um evento presencial.

A gente teve que fazer alguns treinamentos com as organizações dos eventos e com relação à cobertura a gente acompanhava, às vezes, de forma interna dentro da sala virtual em que estava havendo a reunião ou quando era transmitido e a gente não estava inserido na sala, acompanhávamos pela plataforma que estava sendo transmitida. A gente utiliza de print e gravação de tela, para poder fazer a cobertura. Por exemplo, a transmissão das colações quem realiza é a assessoria, então nós tivemos que nos adaptar para fazer as transmissões com qualidade. Um novo cenário se apresentou para a gente e tivemos que nos adaptar e fazer com toda a maestria que seria feita de forma presencial.

O acesso às fontes é um ponto bem complicado, como assessora eu preciso encaminhar material para as emissoras de TV, rádio e jornais. Mas principalmente eu vou focar nesse ponto da TV, porque eles também não estavam realizando entrevista em estúdio e até entrevista marcada para equipe ir buscar era complicado porque, às vezes, minha fonte era do grupo de risco. A gente teve que usar de novo de se adaptar e usar as ferramentas tecnológicas de comunicação e informação. Geralmente, isso eu faço ainda hoje, tive esse contato com as emissoras e a gente estabeleceu de a equipe encaminhar o material para eles poderem editar e enfim organizar.

Eu entro em contato com a fonte, peço para que a fonte grave um vídeo e dou as orientações. Pode ser do celular, celular na posição vertical, peço para que limpe sempre a lente da câmera para que não saia embaçada, que seja (a gravação) em um local bem iluminado e com pouco ruído, enfim essas informações técnicas.

Passo essas orientações para a fonte, peço que grave e delimito de 1 minuto a 2 minutos, dependendo do espaço que eu consigo na emissora. A fonte me encaminha o vídeo, eu analiso e se estiver ok, como são vídeos grandes por conta da qualidade, subo para a nuvem e encaminho o link para o produtor da emissora. Já encaminho também material de release, as informações com relação àquilo (assunto ou temática). Às vezes, mando duas fontes e, às vezes, uma, depende muito do atendimento da fonte. Porque um dos complicadores é que como eu tinha um ambiente de trabalho onde todos trabalhavam no mesmo local que eu, então era só me deslocar da minha sala e ir até a sala da pessoa ou então ligar e combinar/marcar. Mas com esse distanciamento social ficou mais complicado, às vezes não conseguia contato com as fontes. A gente utiliza muito WhatsApp e às vezes a fonte não respondia a tempo. Nem sempre eu consegui o material, como eu conseguiria de forma mais rápida presencialmente. Mas eu consegui emplacar muito material na TV porque já encaminhava tudo, então assim, têm esses dois lados.

AUTORIA DA ENTREVISTA

Erika Ravena da Silva Alves

Estudante do Curso de Jornalismo da UESPI - Campus de Picos.

Pollyana Galvão Costa

Coordenadora de Jornalismo da TV e Rádio Difusora Sul



Foto: Arquivo Pessoal

Mudanças nas entrevistas

A nossa rotina na TV, bem como em outros locais, mudou drasticamente com a pandemia. Logo no início nós recebemos um comunicado interno das redes, do Sistema Difusora, então já veio esse comunicado com algumas restrições pra TV, tanto paro o ambiente de trabalho em medidas de segurança, quanto pra questões de estúdio, entrevistas no estúdio. As entrevistas no estúdio tanto da TV quanto da rádio foram suspensas, claro que durante o período teve raras exceções e a gente vai retornar semana que vem já com as medidas de segurança no estúdio, no

caso dia 20 de julho (*de 2020*), e com os maiores cuidados possíveis para gente continuar no controle.

A gente teve esse distanciamento, passamos a fazer entrevistas mais por vídeo. Quando no início da pandemia, aqui quando começou a chegar fortemente no Maranhão, a gente teve que nos adaptar, e com as medidas do governo federal, as medidas trabalhistas de redução de carga horária dos funcionários que foram atendidas. Nossa equipe diminuiu a carga horária, a própria equipe da redação foi diminuída, os editores de imagem tiveram carga horária reduzida, cinegrafistas e alguns motoristas também. Eu tive, no caso, enquanto coordenação fazer uma escala que atendesse a minha necessidade, então nós tivemos a redução dessa carga horário de equipe, eu não reduzi meu horário, não foi reduzida pela direção geral, a lista veio por São Luís, e nem os repórteres, apresentadores, no caso os jornalistas. Eu tive o desafio de montar uma escala que atendesse a nossa produção, então foi um desafio bem grande e para atender a quantidade, nós continuamos com a mesma carga horário dos jornais, tanto na TV quanto na rádio com uma equipe reduzida, trabalhando um pouquinho mais em um tempo menor de produção, mas no tempo estável e, as vezes, tinha dias com um tempo maior de jornal de 15 a 10 minutos, que a gente compensava o tempo na programação de rede com o nosso jornal ao vivo meio-dia. Então, tinha dias que o desafio era gigantesco.

A gente mesmo internamente mudou o nosso relacionamento entre os colegas de trabalho, passamos a abrir a janela da redação, mais janelas da empresa, para ventilar mais. Logo chegaram as máscaras, no início recebemos máscaras, cada funcionário recebeu duas e, em

seguida, recebemos mais máscaras já com a logo personalizada da empresa, recebemos álcool em gel também. Passamos a desinfetar mais os nossos equipamentos diariamente, nossas mesas, os nossos locais de trabalho.

A gente usava bastante folha, tinha essa questão do manual, no período que estava no pico da doença na cidade eu não estava na redação, eu tive que me afastar na época, a equipe aboliu o papel, as informações que mandava era pelo WhatsApp, virtualmente, para não ficar circulando papel. A direção também deu garrafinhas pessoais, cada funcionário recebeu a sua garrafinha para beber água, abolimos o copo descartável, já era uma política. A maioria já tinha, já tem esse hábito que usar garrafinha, desde a outra campanha que a gente visou reduzir copo descartável e também diminuir a utilização de papel impresso. Inclusive todo papel que a gente utiliza, já tem um tempo, o que fica em bom estado, os papéis da redação viram rascunho para outros setores da empresa. Então, a gente passou a utilizar a garrafinha, mas com esse incentivo cada um recebendo a sua para que não houvesse a circulação do vírus, o contato de alguém suspeita pegasse.

Quanto às medidas, desde o início quando um funcionário gripava ele era orientado a se consultar ou fazer o possível para pegar um atestado para ficar resguardado em casa. Então, desde o início algumas pessoas gripadas já passaram a se isolar da gente. Nós fomos criando essa medida, nos observando e criando isso, pois a empresa tem muitos funcionários com doenças crônicas e com uma certa idade, o nosso maior medo era dessas pessoas que tem esses problemas tivessem complicações caso pegassem o vírus e

foi a maioria que teve também a redução de acordo com a idade e a morbidade também.

Eu testei positivo

Inclusive quando eu peguei a Covid-19, eu testei positivo, em maio. Então quando eu fiquei como suspeita da doença ainda eu estava gripada, no início da gripe, a coriza, no terceiro dia eu fui me consultar, lá eu fiz um Raio X no hospital e deu a suspeita na tomografia. O mais louco é que tipo eu orientava as pessoas, eu observava a minha equipe, eu liberava a minha equipe, eu fazia matérias diariamente sobre esse assunto, e eu no meio disso tudo achei que estava só gripada, mas graças a Deus o diagnóstico foi precoce, no início ainda, daí eu passei a ficar em casa. Me afastei, comecei o tratamento, me isolei de todo mundo, fiquei em casa com o meu esposo, morando só eu e ele e passamos a nos cuidar.

Depois eu saí apenas para ir ao hospital para fazer o teste, aí na semana seguinte eu testei positivo mesmo, houve a confirmação, e após eu testar positivo as medidas de higiene e segurança aumentaram drasticamente na TV, porque eu fui a primeira da equipe, a primeira da empresa aqui em Imperatriz a testar positivo, já tinha alguns casos de pessoas que tinham testado positivo em São Luís e estavam em tratamento e fui a primeira daqui, então tive apoio de me afastar.

Claro que, em alguns momentos, alguns funcionários já estavam afastados porque suspeitava de algum membro familiar está com Covid-19, a gente afastava. Eu, enquanto coordenação de Jornalismo, solicitava o afastamento das pessoas ao RH até dar esse período dos sintomas. Então

assim, a primeira pessoa mesmo a testar positivo aqui em Imperatriz, na TV Difusora fui eu, depois até outras pessoas foram se afastando com aquela suspeita e tal. Mas teste mesmo positivo quem tem só eu mesma, outros deram negativo depois que se afastaram, outros deram, o que a gente acredita falso negativo, então acredito que só tenha eu mesmo.

Assim, foi muito difícil, foi em maio o pico da doença, eu me isolei, no décimo quarto dia de sintomas eu tive uma melhora, no décimo primeiro dia eu já não sentia mais a falta de ar. Fiz o meu tratamento em casa, tive dias bem ruins, e aí quando deu no décimo quarto dia de atestado e décimo sétimo dia de sintomas eu retornei para o trabalho, já sem a falta de ar, eu já me sentia bem mesmo e retornei.

O retorno foi bem difícil, porque eu retornei bem, na minha cabeça eu estava bem, então eu fui para lá, a gente manteve mesmo o distanciamento, e quando eu retornei tinha desconfiança da equipe, dos cuidados, a gente não tinha muita certeza. Inclusive antes de retornar, eu fiz a consulta online com a médica sobre o meu medo de transmitir o vírus para os meus colegas de trabalho, ela me garantiu que já não era mais transmissível, então eu retornei. Mas chegando no dia, eu consegui passar três horas na empresa, pela manhã, e eu me sente muito mal, muito mal, fraqueza extrema. É uma fraqueza pós testar positivo do vírus, que você fica. Você fica com dias bons e ruins, dias normais e anormais. Então, entramos em contato, eu e o RH daqui com a nossa direção geral em São Luís e assim eu fiz nova consulta e consegui mais dez dias de atestado. Então, eu fiquei 24 dias afastada da TV.

Para a minha recuperação total foram esses dias, praticamente um mês. Foi uma época muito difícil para quem ficou na coordenação da Difusora, no caso a Mikaelle Martins. A repórter ficou ajudando na produção e direção de tudo. Na época o apresentador Josafá Ramalho se afastou do programa “Na Hora D”, meio-dia, programa de Jornalismo da TV. Então teve uma época que ficou um repórter pela manhã, uma equipe de reportagem pela manhã, e um repórter pela tarde para dar conta de toda produção jornalística, fazendo mais stand-up, mais notas, aquela coisa do ao vivo, tendo que continuar enviando conteúdo normalmente para São Luís, para os jornais estaduais.

Então, a nossa responsabilidade era a colaboração com os jornais em nível regional e ter entrevistados para poder suprir esse tempo de jornal localmente. A equipe foi muito guerreira, a equipe conseguiu mesmo segurar as pontas e manter a notícia diariamente. Na época também, que maio (*de 2020*) foi o pico aqui na cidade, a empresa instalou uma pia lá na entrada, digamos que na garagem, instalou uma pia e instalou um suporte para papel toalha e disponibilizou sabão líquido. Então, antes de chegar a gente entra na empresa, já na garagem a gente lava as nossas mãos, independe que a gente considere que está limpa, que a gente tenha saído de casa, entrado no carro ou moto e ido até a TV, mas só entra na empresa se tiver de máscara, até hoje, e se lavar as mãos antes. Isso vale para qualquer pessoa, para qualquer visitante, qualquer funcionário e para qualquer pessoa que adentre o prédio, até porque na parte do segundo andar do prédio funciona uma rádio terceirizada, então há a medida de segurança, a melhor maneira encontrada para todos.

Desafios das coberturas

Essa cobertura o maior desafio foi encontrar fontes especializadas. Em alguns momentos nós mantivemos as fontes médicas porque eram as únicas disponíveis pra gravar vídeos para gente. Solicitamos vídeos com o celular deitado. As fontes oficiais praticamente as mesmas que tinham as necessidades. Depois nós fomos nos adaptando, fazendo entrevistas ao vivo via Zoom ou outro aplicativo. A gente passava por diversos momentos, às vezes a falha técnica era nossa na TV, quando a falha técnica em outra entrevista já era do entrevistado, pela conectividade da internet ruim, a baixa conectividade. Depois, quando o entrevistado entrava ao vivo na TV tranquilamente derrubava o celular. Uma vez teve um episódio bem engraço, caiu, derrubou o celular e no ar a gente só viu a imagem subir. Então a gente foi se adaptando. E com essas inconsistências do ao vivo e internet, a gente passou a priorizar mesmo os vídeos já gravados e enviados para gente. A gente utilizava esse vídeo como fonte na matéria em si, no VT editado, muitas vezes esse vídeo ao vivo, o apresentador do jornal da TV ou do rádio chamando esse áudio, áudios no rádio bastante utilizados, ou então o repórter dentro do estúdio chamando.

Algumas assessorias se adaptaram muito bem a esse momento de pandemia, destaco como assessoria aqui de Imperatriz o Ministério Público. Enquanto em momentos antes da pandemia quando a gente precisava de uma entrevista com algum promotor era bem mais difícil, tanto pela disponibilidade do promotor em receber a nossa equipe quanto pela distância do Ministério Público, nessa época de pandemia eles ficaram disponíveis. A assessoria enviava já o *release*, a matéria publicada no site junto com o vídeo do

promotor responsável por aquela medida provisória, daquela informação. Então, a gente conseguia pautar muito mais e ter a entrevista do promotor como fonte oficial nessa época de pandemia do que em outros tempos.

Depois flexibilizamos um pouco, passamos a entrevistar as pessoas com dois microfones, quando possível, que às vezes nem sempre a nossa estrutura dava e mantendo o distanciamento, com as entrevistas na maioria das vezes ao ar livre. A gente marcava em uma praça ou sempre em frente ao prédio da TV ou em frente ao prédio da instituição em que a pessoa entrevistada que estivesse trabalhando estava. Passamos a divulgar também os números diariamente da Covid-19 no Maranhão, em Imperatriz, depois com um certo período com as cidades fazendo seus boletins, nós passamos também a divulgar esses dados da região, dos municípios vizinhos, Davinópolis, Açailândia, João Lisboa, aqui do Sul do estado. Destaque também para os municípios vizinhos aqui do estado do Tocantins, São Miguel, Sítio Novo, Bela Vista, as pessoas desses locais mandam bastante mensagens no nosso WhatsApp sobre esses números. Isso foi muito desafiador, esse acesso as fontes, mas mantemos o nosso conteúdo.

Adaptações e exemplo

Eu acho que a gente teve uma maior liberdade do que em outros tempos, a gente via um vídeo caseiro de uma fonte empobrecer a matéria da televisão, que ficava claro que a sua equipe jornalística não conseguiu está no local e ter aquela imagem, ao ponto que nesse novo normal, nesse momento de pandemia os vídeos ganharam valor maior na nossa produção jornalística. Quem tinha algum conteúdo,

mesmo que caseiro enviado por uma fonte exclusivo demonstrava um ponto positivo se comparado a concorrência dos jornais.

Então, aos poucos a gente foi se adaptando, recebendo isso, vendo como era feito a nossa referência, a Difusora em São Luís, como era feito lá e assim nós fomos nos adaptando com muitas dúvidas. A gente usava quando passou e também nos espelhando tanto em outros jornais, as concorrentes, como estava a cobertura telejornalística no Brasil. Quando o repórter passou a utilizar máscara nas passagens, e a dúvida, a gente utiliza ou não a máscara. Utilizar as máscaras na TV e nas passagens parecia causar terrorismo a população. Depois a gente passa a usar a máscara nos repórteres, nas passagens, como medida de segurança e de exemplo.

E agora como as pessoas acham que está tudo normal, que não existe mais a Covid-19 no Brasil, agora a gente tem problemas com a fonte, pois muitas não querem usar máscara nas entrevistas. Então, a recomendação ainda é: nosso repórter usa máscara, a nossa equipe usa máscara, ainda estamos no final do mês de julho de 2020, a recomendação ainda é usar máscara. Dentro da empresa ainda permanecemos usando máscara, lavando as mãos, usando muito álcool em gel, higienizando o nosso ambiente de trabalho, usando a garrafinha, o corpo descartável continua abolido.

Mesmo nesse momento que as pessoas acham que está normal, eu continuo cortando entrevistas de fontes ou personagens que não utilizam máscara na entrevista em loco, porque é um decreto que obriga a gente, que recomenda usar máscara, então nós temos que ser esse

exemplo na televisão e nós inspiramos pessoas, nós temos que ser os primeiros a dar o exemplo.

Nesse mês de junho nós voltamos a nossa equipe de pessoas e horários normais. Nós temos agora duas equipes na externa pela manhã e duas equipes na externa à tarde. Então, voltamos aos poucos com medidas de segurança. Graças a Deus quem adoeceu se afastou, não tivemos nenhuma perda no nosso sistema, nenhum óbito por conta da Covid-19. Somos gratos e felizes por isso. E o recado é que a gente continue se cuidando sempre. Na nossa programação ainda continuamos divulgar os números da Covid-19 no Brasil, estado e na cidade e em algumas cidades vizinhas. Nessa pandemia fomos nos reinventando, em questão de pauta tudo era novo. Não ficamos com problema de falta de conteúdo, tivemos que usar a criatividade, apesar que sempre tem as críticas, “só fala em Covid-19”, “não tem outro assunto”. Essas críticas também chegam aos nossos canais, com os telespectadores da TV e do rádio, mas o nosso objetivo é manter a população informada, os locais que as pessoas poderiam se dirigir para fazer o teste, as medidas do governo e do município em relação ao combate ao vírus. Continuamos frequentemente essa pauta sobre os direitos trabalhistas, FGTS, empreendedorismo na pandemia, como usar a máscara, como está sendo esse novo normal, novos decretos, liberação de cinema, como está sendo liberado as coisas aos poucos e a cobrança para que as pessoas se cuidem e continuem usando máscaras.

AUTORIA DA ENTREVISTA

Nayane Cristina Rodrigues de Brito

Jornalista, Mestre em Jornalismo (UEPG) e doutoranda em Jornalismo pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Sara Cristina da Silva Ribeiro

Jornalista na Assessoria de Comunicação da Prefeitura de Imperatriz, responsável pela divulgação das ações da Secretaria Municipal de Educação



Foto: Arquivo Pessoal

Entrevistas em aplicativos e o medo

Praticamente nada mudou na minha rotina de repórter. A minha resposta mais contundente seria essa, uma vez que todo o departamento de comunicação ficou de home office, porém, como as obras que a Educação está tocando iniciaram bem no início da pandemia a minha rotina de assessoria na Secretaria não mudou, não é?

Eu não consegui fazer home office e eu só consegui ficar em casa, vamos dizer assim, quando o secretário que

testou positivo para Covid-19 e as pessoas que tinham ligação direta com ele ficaram em casa por conta do processo de quarentena, fora isso nós continuamos trabalhando normalmente. Eu aproveitei essa quarentena para tirar minhas férias, mas não mudou nada. Continuamos a rotina, divulgando as ações da secretaria e lógico que nas visitas às obras nós tínhamos o cuidado de está utilizando os EPI's, utilizando máscara, estávamos na rua.

Como não tinha tanto trabalho externo, de acesso à comunidade, eu quase não precisei pegar sonora (*fazer entrevistas*), por exemplo, e quando fazia era via WhatsApp, porque aí ficava mais segura, era mais tranquilo para se conversar.

Os maiores desafios foram trabalhar, mesmo em relação a preocupação com a própria doença, sabendo que a gente era suscetível a pegar por conta do trabalho contínuo. Nós tínhamos uma carga horária bem extensa, uma vez que o secretário não tinha horário para fazer as visitas às obras.

Nós estamos com 38 delas em andamento, aliás 36, porque duas já foram entregues, mas nesse período de pandemia as 38 estavam sendo tocadas simultaneamente. As visitas às obras eram corriqueiras, não tinha horário específico, fazíamos essas visitas às cinco unidades escolares ou até mais no mesmo dia. Então assim, os desafios eram em relação ao medo de estar trabalhando, tendo contato com outras pessoas que também tiveram que manter os serviços essenciais em relação à construção civil, basicamente, e ao atendimento da secretaria que alguns departamentos ficaram fazendo.

AUTORIA DA ENTREVISTA

William Castro

Jornalista, Mestre em Comunicação e Sociedade (UFT) e doutorando em Jornalismo pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Realizado o Depósito legal na Biblioteca Nacional conforme
Lei n. 10.994, de 14 de dezembro de 2004.

Título Jornalismo e Covid-19
Subtítulo os relatos de profissionais de Imperatriz - MA

Organizadores Antônio Carlos Santiago Freitas e Roseane
Arcanjo Pinheiro

Diagramação Antônio Carlos Santiago Freitas

Projeto Gráfico Antônio Carlos Santiago Freitas

Revisão Roseane Arcanjo Pinheiro

Formato Livro Digital

Páginas 64

Tipografia League Gothic e Glacial Indifference

Edição 1ª Edição - Volume I - Novembro de 2021

Publicação Editora da Universidade Federal do
Maranhão - EDUFMA

Veiculação Digital

